



ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO ACRE TERRITÓRIO: HISTÓRIA E EXPRESSÃO LITERÁRIA

Olinda Batista Assmar¹

DOI: 10.21583/2447-4851.rbeo.2018.v5n1.170

Resumo

Esse texto é uma versão revisada da fala proferida no I Encontro SBEO de práticas organizacionais na Amazônia, assunto para o qual, espera-se, o texto ofereça alguma contribuição. O histórico do projeto *Amazônia: os vários olhares* é apresentado. O material oferece uma perspectiva da formação e desenvolvimento da sociedade e cultura acreana a partir das crônicas de Xapuri, cartas e editoriais de Rio Branco, coletados dos jornais existentes das duas décadas iniciais do século XX. São documentos preciosos de uma época e se configuram como instrumentos de reflexão e compreensão de um período que se refletiu posteriormente delineando modos de vida das gerações que o seguiram. As relações de poder entre os diversos grupos populacionais são apresentadas ao longo do texto, evidenciando a organização social do Acre a partir do grupo dos colonizadores, classe mais abastada; dos trabalhadores intelectuais; e dos trabalhadores braçais ou dos serviços manuais, classe mais pobre.

Palavras-chave: organização social, Acre, crônicas, Xapuri.

ORGANIZACIÓN SOCIAL DEL ACRE TERRITORIO: HISTORIA Y EXPRESIÓN LITERARIA

Resumen

Este texto es una versión revisada de la conferencia pronunciada en el I Encuentro SBEO de prácticas organizacionales en la Amazonia, asunto para el cual, se espera, el texto ofrezca alguna contribución. El histórico del proyecto *Amazonia: las varias miradas* se presenta. El material ofrece una perspectiva de la formación y desarrollo de la sociedad y cultura acreana a partir de las crónicas de Xapuri, cartas y editoriales de Río Branco, recogidos de los periódicos existentes de las dos décadas iniciales del siglo XX. Son documentos preciosos de

¹ Doutora em Literatura. Professora do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre (UFAC). Coordenadora do grupo de pesquisa *Amazônia: os vários olhares*. Correio eletrônico: assmaro@gmail.com.

una época y se configuran como instrumentos de reflexión y comprensión de un período que se reflejó posteriormente delineando modos de vida de las generaciones que lo siguieron. Las relaciones de poder entre los diversos grupos poblacionales se presentan a lo largo del texto, evidenciando la organización social de Acre a partir del grupo de los colonizadores, clase más pudiente; de los trabajadores intelectuales; y de los trabajadores de los servicios manuales, clase más pobre.

Palabras-clave: organización social, Acre, crónicas, Xapuri.

SOCIAL ORGANIZATION IN THE TERRITORY OF ACRE: HISTORY AND LITERARY EXPRESSION

Abstract

This paper is a review of a speech at the I CBEO Meeting on Organization Practices in Amazon, theme to which it helps to contribute to. The historic of the research project Amazon: diverse approaches is presented. The material gathered from newspapers of the two first decades of the XXth. Century offers a perspective of the formation and development of the society and culture of Acre from the chronicles of Xapuri and the letters and editorials from Rio Branco. Such material is representative of a time and work as instruments for the reflection and understanding of a period that delineated ways of living of the forthcoming generations. The power relations amongst diverse groups are presented, highlighting the social organization of the territory of Acre based on the group of the settlers, a more wealthy class; the intellectual workers; and the toilers, the poorest.

Keywords: social organization, Acre, chronicles, Xapuri.

ORGANIZAÇÃO E PERCURSO DO TRABALHO INTELECTUAL E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

Confesso que fiquei surpresa e ao mesmo tempo lisonjeada com o convite feito pela SBEO para conferir uma palestra sobre Práticas organizacionais na Amazônia. Ao mesmo tempo em que percebi o grande desafio que se punha à minha frente. Mas como tudo na minha vida profissional tem sido movido a grandes desafios, embora já aposentada há dois anos, aceitei mais esse desafio, e aqui estou.

Agradeço a SBEO, esperando poder contribuir com os estudos de práticas organizacionais na Amazônia.

Durante algum tempo, após o convite, fiquei rememorando todos esses dezessete anos de pesquisa com nossos colaboradores, alunos da graduação de letras da UFAC, da capital e do interior, sem os quais essa investigação jamais teria avançado, pois foram eles

que fizeram todo o levantamento e a coleta do material manuscritamente dos jornais localizados. Além disso, digitaram, leram, organizaram cronologicamente, elaborando índices inclusive o onomástico. Depois desenvolveram seus estudos conforme planejado no projeto.

Na primeira parte apresento uma pequena amostra do histórico do projeto Amazônia: os vários olhares, com o intuito de incentivar novos grupos de estudos desse material que é rico para o conhecimento da formação e desenvolvimento da sociedade e cultura acreana. Talvez as atividades e produção desse projeto, motive outros pesquisadores a investigar novos aspectos e a elaborar outros trabalhos mais consistentes.

Vale a pena ressaltar que o projeto foi coordenado por mim e desenvolvido com a participação de outros professores de Letras e Pedagogia, além de alunos da graduação, bolsistas de iniciação científica.

Na segunda parte, faço uma breve incursão nos romances da borracha afim de mostrar como eram as relações organizacionais na época do extrativismo, abordadas nesses romances da região e em algumas obras de historiadores que pelo Acre passaram.

Feitas essas considerações, o maior desafio foi fazer um recorte que pudesse contribuir com o que me foi proposto. Assim, dentre tantas variedades de textos coletados, um universo muito grande e bem variado em temática, optei por tentar escrevinhar algo a partir das crônicas de Xapuri, cartas e editoriais de Rio Branco todos coletados dos jornais existentes das duas décadas iniciais do século XX, onde se revelam algumas marcas da formação da nossa sociedade e cultura.

Esses textos são documentos preciosos de uma época e se configuram como instrumentos de reflexão e compreensão de um período que se refletiu posteriormente delineando modos de vida das gerações que o seguiram. Embora sejam textos veiculados após 1907 não deixam de referir-se aos acontecimentos ocorridos nos primeiros anos, notadamente a revolução acreana e fatos a ela relacionados, como o assassinato de Plácido de Castro e o descaso do governo brasileiro para com o Acre.

Como a pesquisa começou por Xapuri, por escolha dos próprios alunos, e por ter sido esse município alcunhado com o nome de “princesinha do acre”, talvez pela afluência maior de sírios, libaneses e portugueses, bem como por ter um comércio muito forte nos tempos áureos da borracha, resolvi também iniciar pelas crônicas de Xapuri que captam flagrantes

da vida cotidiana da cidade e podem ser classificadas como crônicas históricas, políticas, filosóficas, humorísticas e satíricas, estas dirigidas aos coronéis da borracha e aos políticos.

A crônica como fragmento da vida social interpreta a vida política e intelectual de uma época por meio de fatos do cotidiano e aspectos da cultura como hábitos, costumes e festividades. Mas é necessário um prévio conhecimento sobre as origens sociais de seus autores, sua formação, seus posicionamentos políticos e suas relações com as forças dominantes. A partir dessas informações pode-se verificar como o cronista representa os fatos, sobretudo aqueles que evocam fatos do período revolucionário do Acre e do anseio pela sua emancipação política.

Dentre os tipos de crônicas, as humorísticas e satíricas, parecem oferecer material mais precioso para o assunto proposto, pois ocorrem mais intensamente em 1913, momento das reformas políticas, administrativas e judiciárias do Território do Acre, as quais não atendem às reivindicações locais porque os representantes políticos continuam sendo nomeados pelo governo federal. Há uma notória insatisfação popular por causa dessa situação e por conviverem com outras cenas desagradáveis, como a chacota que fazem a alguns seringalistas sem instrução que cometem gafes, mas que se acham superior aos outros só porque tem dinheiro e o poder do “ouro negro”.

As questões municipais, as intendências do Acre, os impostos, a administração pública e as relações entre seringueiros e seus representantes, também são tratados com ironia e humor pelos cronistas.

Já as cartas mais significativas têm função crítica. E mostram o caráter dos representantes do povo, outras tratam da anexação do Acre ao Brasil, dos revolucionários de Plácido pelo reconhecimento da autonomia acreana pelo governo Federal. Os missivistas, mascarados em pseudônimos, manifestam o sentimento de traição mediante as injustiças cometidas pelos agentes federais, contra os revolucionários e autonomistas. É também um recurso de proteção para livrarem-se das possíveis retaliações dos que detinham o poder, pois criticavam e satirizavam algumas autoridades xapurienses. Alguns atacam as vaidades, o mau caráter de alguns e os desmandos locais. Denunciam falcatruas de funcionários da intendência e até de juízes.

Os editoriais registram a tendência política dos jornais e seu engajamento com os problemas sociais. São os veículos de comunicação, portanto os jornais, que têm o poder nas

mãos, mas como são de propriedade, normalmente, de grandes seringalistas ou comerciantes, sua linha editorial tem que estar de acordo com o posicionamento político do patrão, que é quem paga as contas. Os jornalistas ou escritores dos textos são pessoas da comunidade pertencentes ou simpatizantes do grupo de amigos do proprietário. Por isso a temática dos textos publicados deve sempre estar em consonância com a postura desse grupo. Além disso, são escritores que exercem cargos na cidade e, muitas vezes, escondem-se atrás de pseudônimos com medo de serem identificados. Essa era uma prática comum, tanto é que, em muitos casos, não se conseguiu, identificar o nome verdadeiro de quem escreveu o texto, como estava previsto na investigação.

Na verdade os grupos dominantes disputavam o poder econômico e aquele que detinha também o poder comunicativo na mão sentia-se mais poderoso, pois não só poderia angariar mais simpatizantes como podia destruir ou afastar certas pretensões de seus concorrentes, atacando-os com as armas linguísticas, o poder das palavras de que fala Foucault. Essas práticas só atingiam os moradores dos vilarejos e cidades onde pessoas instruídas prestavam serviços por indicação do governo federal porque os agricultores e seringueiros não são mencionados e participam de outro sistema de organização.

Essas relações de poder e subserviência dos empregados não eram claras, mas eram demonstradas pelas estratégias criadas pela publicação dos textos, por meio do anonimato, do jogo de palavras, pelas sutilezas da linguagem empregada pelos sujeitos dos discursos.

Ressalta-se que os serviços da imprensa, ou periódicos, começaram no contexto turbulento da revolução acreana, logo nos primeiros anos do século XX quando havia dois grupos opostos, de orientação religiosa e política diversificada, com titulação ou não, oriundos de diferentes localidades, brasileiros e estrangeiros que disputavam a dominação do Acre, com a desculpa de torná-lo autônomo, incorporando-o ao Brasil, mas liberto do governo boliviano.

Nesses grupos havia todo tipo de intelectual – engenheiros, arquitetos, médicos, advogados e professores – que, juntos, construíram a memória escrita do período fundador do Acre. Entre eles havia civis, militares, clérigos, artistas, leigos, membros da maçonaria, instituição que esteve nos movimentos políticos e culturais, usando a imprensa como seu principal difusor de ideias.

Vale a pena registrar que todos os escritos nesses primeiros anos, foram impressos na gráfica da maçonaria na qual também foram impressos outros jornais, depois de O Acre de 1907. Segundo informações, os maçons participaram da revolução e também de vários feitos da vida administrativa do Acre. Um deles, o cearense Francisco Oliveira Conde, foi tenente coronel, promotor de justiça e governador do território. Outros maçons conhecidos como, por exemplo, Rui Barbosa e o Barão do Rio Branco defendiam a questão do Acre.

Os periódicos, quase sempre estavam a serviço dos mandatários, representantes do poder aquisitivo ou do coronel da borracha, ou do poder político e também sob a tutela do governo brasileiro talvez por isso a não identificação dos cronistas.

O grupo que defendeu a autonomia imediata do Acre – comerciantes, donos de casas aviadoras, banqueiros e seringalistas – todos defendiam sua causa pela força bélica; do outro lado, os representantes do governo federal, militar nomeados para funções administrativas e judiciárias, também estavam munidos pela força bélica.

Entre esses dois grupos estavam os que faziam jornalismo amador, mais opinativo que informativo. Eram estes que movimentavam a cultura letrada por meio dos periódicos para seus privilegiados consumidores.

Em 1901, segundo informações, já circulava o jornal *El Acre* em Puerto Alonso, cidade estratégica para o domínio boliviano. Seu primeiro exemplar data de 20/10/1901. Aqui tinha um posto aduaneiro para arrecadar impostos dos brasileiros, mas o Amazonas e o Pará reivindicavam as terras do Acre através de grupos poderosos que queriam a apropriação da região em virtude da riqueza prevista com a produção da borracha.

Após a revolução acreana, o movimento dos autonomistas tinha como liderança Plácido de Castro e Simplício Costa, vice-presidente da Associação Comercial de Xapuri, também do coronel Antônio Antunes Alencar, que era dono de grande seringal, do jornal *Acreano* e prefeito interino do Departamento do Alto Acre, grupo mantenedor desse jornal que o tornou forte em função do próprio grupo. Assim os assuntos desse periódico eram, a “expressão das idéias e aspirações desse grupo que disputava com outro a posse e o mando na região” (MENDES, 2008, p.35).

A reivindicação dos autonomistas, segundo alguns historiadores, centra-se nos aspectos econômicos e políticos. No primeiro caso, destaca-se o potencial de auto sustentação do Acre, pois, sua receita era maior que a de dezesseis (16) estados brasileiros;

no segundo, havia necessidade de uma base política com voto do povo para dar autonomia, mas os acreanos não votavam porque seus governantes eram indicados pelo governo federal, causando uma exclusão no cenário nacional.

Por fim, as crônicas mostram como eram as relações sociais e como se organizavam os vilarejos ou a cidade sempre tendo alguém que mandava e os subalternos que obedeciam. Pela leitura delas constatou-se que a formação social se deu pela conquista do território para fins exploratórios e lucrativos, segundo Alzenir Mendes (p. 14).

E a circulação dos periódicos dependia dos seus donos e das relações com quem escrevia, como ocorria em outras partes do Brasil. Normalmente eram criados e mantidos para divulgar as idéias oficiais ou do grupo dominante. Daí a estratégia dos jornalistas com o uso de pseudônimos, como era comum no final do século XIX com os escritos de alguns famosos escritores como Machado de Assis quando o tema era polêmico e de tom humorístico ou satírico Machado de Assis, por exemplo, foi Dr. Semana, Souza Barrados e Malvólio.

Nas crônicas supõe-se que os pseudônimos deixavam os cronistas mais livres para expor suas idéias opinando ou criticando. Sub-repticiamente havia o receio da descoberta e retaliação pelo poder político e controlador e as críticas do público conservador. Estas refletem as relações sociais entre os mandatários e seus subordinados em várias instâncias, sobretudo na política, por isso a sua produção era cuidadosa no sentido de não desagradar os donos dos jornais e não lhes causar obstáculos algum.

A presença efetiva de movimentos sociais ocorreu apenas no final da década de 1970, início da década de 1980, no final da ditadura militar quando eclodiram muitos movimentos populares, organizados na busca pelos seus direitos e melhores condições de vida, apoiados pela organização das comunidades eclesiais de base, associações e sindicatos.

Na imprensa local esses movimentos são marcados por estratégias de manipulação e de resistência. A imprensa oficial apresentava os movimentos como subversivos, construindo uma imagem negativa e preconceituosa aos trabalhadores, já a imprensa alternativa investia na construção positiva dos movimentos e servia como veículo de suas reivindicações.

Era uma estrutura de poder coercitivo muito forte, mas os grupos tentavam caminhar na contramão do discurso oficial. Essa articulação dos trabalhadores em movimento foi um

aprendizado para todos na vivência prática de se unir, organizar, participar, negociar, lutar e na aquisição de uma consciência de defesa de seus interesses e apreensão crítica de seu mundo, suas práticas e representações sociais.

No tocante ao estudo da ficção, contos e romances escolhi desenvolver algo mais amiúde a partir do romance, pois os contos coletados à época eram mais traduções e adaptações de autores conhecidos, mas os de temática regional relatam a invasão do homem branco no habitat indígena acreano causando sua destruição.

Outros textos ficcionais e mesmo poéticos abordam mais a temática da saudade, do isolamento, do dregredo em que viviam os migrantes, os quais apelavam à “pátria adotiva” que os restituísse à família.

O romance escolhido é de um autor acreano, pouco conhecido, mas bem interessante e serviu de objeto de estudo para a professora Edmara, minha ex-orientanda de investigação científica e mestrado, quando desenvolveu sua dissertação de mestrado intitulada **As dobras do Silêncio: um romance de Miguel Ferrante**. Com base nesse estudo do romance **O silêncio**, escrito em 1973 e só publicado em 1979, tento mostrar as práticas organizacionais da obra que refletem na sociedade da época em que o romance se situa.

Essa narrativa afasta-se da ficção de temática dos seringais e dos habitantes ribeirinhos e apresenta um enredo diferenciado de outras obras sobre o Acre que se fixaram, nas primeiras décadas do século XX, na temática dos seringais, não apenas relatando o sofrimento, a solidão e a vida sem perspectiva do seringueiro, mas a exuberância da floresta e o sentimento de nela estar aprisionado, com seus rios caudalosos ou com sua floresta fechada, cheia de insetos, animais ferozes e doenças. Era um mundo solitário e silencioso capaz de transformar o homem, tornando-o rude e animalizado. É a Amazônia apresentada pelos viajantes desde o século XVI e com novas dimensões com os contos e romances do início do século XX – **Inferno verde e Paraíso perdido**.

Inicialmente devo discorrer um pouco sobre os romances de temática da borracha como tópicos importantes para a compreensão do sistema de organização do Acre antigo. As relações no seringal entre seringueiro e patrão eram compreendidas como relações de troca. O seringueiro dependia do patrão para adquirir material para extrair o látex e produtos básicos para seu sustento já que não podia dedicar-se à agricultura. Como não circulava dinheiro em moeda, não havia banco por perto, tudo que produzia era para pagar o que

tinha comprado a crédito no mês anterior e renovar a dívida com novos produtos para o mês em curso, não sobrava nada.

Mas os regatões (sírios, libaneses e judeus) funcionavam como os atuais atravessadores, normalmente tentavam transpor a vigilância do barracão e vendiam algum produto para os seringueiros a troco de borracha. Quando isso acontecia, o seringueiro se endividava mais no barracão e a dívida crescia, diminuindo a esperança de alguns de voltar para sua terra natal.

Nessas relações de poder entre o seringalista e o seringueiro, ou entre o patrão e o “empregado” as relações comerciais se configuravam como relações de trocas, o patrão fornece os instrumentos de trabalho e os produtos de primeira necessidade para o seringueiro, a crédito e este lhe paga com peles de borracha no final do mês. O guarda-livros faz as contas e informa ao seringueiro e este já faz o seu “aviamento” para o próximo mês. De modo geral, muito poucos têm saldo e assim endividados vão vivendo, trabalhando apenas para sobreviver sem esperança de voltarem para sua terra de origem. São pessoas humildes, normalmente analfabetas que não questionam os preços e nem as contas. Por conta dessa situação, provavelmente, motivou Euclides da Cunha (1967) a considerar o seringueiro como escravo de si mesmo.

Assim mesmo eram as relações dos seringalistas ou gerentes de seringais com as casas aviadoras que compram a borracha com o preço que determinavam. Abatem a dívida do seringalista e fornecem novamente todos os produtos que os seringalistas precisam, os quais continuam lhes devendo. Essas casas transferem as borrachas para as casas exportadoras pelos preços determinados por estas as quais repassam para os países compradores do produto.

Essa prática de organização permitia aos seringalistas e seus grupos políticos, na época das eleições, direcionarem a maioria dos votos desses seringueiros para os seus candidatos, não apenas porque obedeciam ao patrão, mas como analfabetos acreditavam que se o patrão indicava devia ser bom para eles. Entretanto, alguns não aceitavam e tinham a sua autonomia no voto, mesmo em silêncio. Na verdade bem no início da extração do látex, os seringalistas ostentavam todo o poder e centralizavam o governo da região fazendo suas próprias leis.

Essas práticas se estenderam às pequenas cidades interioranas e em algumas ainda perduram até hoje, principalmente no interior e na periferia das cidades, inclusive em Rio Branco.

Em substituição ao guarda-livros dos seringais e casas aviadoras, vieram o livro de notas do dono ou empresário que controla o que vende fiado para ser pago no final do mês quando o pagamento sair. O comprador sequer procura saber o preço da mercadoria. Quando o dinheiro não dá, paga com alguma coisa da casa, saldando sua dívida. O patrão aqui adquire outra noção, não é mais aquele que oprime, que controla, mas aquele que, embora visando o lucro, facilita a vida de muitos sem condição financeira.

No romance **O silêncio**, as práticas organizacionais são entrevistadas pela resignificação do silêncio na pequena cidade por meio do medo e da opressão do próprio homem. Fundada por um “Barão”, autoridade maior a quem todos deviam obediência, o silêncio é redimensionado porque está em todas as formas de relações sociais do lugar. Entre os personagens que representam as minorias e os mais fracos ou excluídos, quanto entre aqueles que representam o poder dominante, naturalmente por razões diferentes.

É uma obra publicada em plena ditadura militar o que por si só justifica os cuidados com a linguagem, com as formas de relações sociais e com as estratégias do discurso dos sujeitos.

O estudo dessa obra certamente oportunizou a verificação de como as sociedades se configuram a partir dos silenciamentos das minorias, nos discursos ditos e não ditos que produzem sentidos a partir de uma versão crítica, podendo-se revelar os sentidos ocultos em relação à exclusão e apagamento das minorias das sociedades.

Uma reflexão dos discursos que fundam a cidade interiorana do romance e seu dialogismo parecem marcados pelo silêncio em diferentes formas. Eni Orlandi (2007) citado por Edmara, explicita as formas de silenciamento, deixando claro os aspectos do silêncio fundador e das políticas de silêncios utilizadas para apagar o outro. Nesse percurso, na tentativa de silenciar as formas de silêncio, produzem significação – os sentidos do silêncio.

Portanto, no romance **O silêncio**, a prática organizacional representa o senso comum da sociedade brasileira de modo geral, que se cala e se omite diante dos fatos e, de modo particular, aquela menor, interiorana, mais próxima de nós cujos fatos ocorrem à vista de

todos o que resulta numa sociedade omissa que não se expõe com medo normalmente de punições.

A autoridade máxima local, o governador impõe as práticas organizacionais aos que estão hierarquicamente abaixo dele, assessores, prefeitos e seus comandados. São relações autoritárias sem qualquer questionamento. Há um silenciamento total. Essa forma autoritária implantou-se no Acre desde a presença de militares no governo e em outros cargos da administração pública municipal e territorial. E mais recentemente com a atual administração que controla os meios de comunicação e monitora a atitude de muitos.

O personagem que representa a autoridade maior é o Barão Alexandre de Almeida Argolo, “sujeito autoritário e manipulador” que busca obter o que quer de qualquer jeito. O título de Barão foi adotado por ele para simbolizar sua autoridade, embora tenha surgido ironicamente. A pequena e pacata cidade imaginária fundada por ele começa a se agitar com a morte da professora Fernanda, encontrada morta dentro da própria casa. Não havia testemunhas, por isso e para resolver logo o problema o Barão sugeriu ao delegado Josias que encontrasse “um culpado para o crime”. Essa pressa deixa pistas quanto ao verdadeiro assassino da professora, provavelmente algum amigo do Barão ou ele próprio. Logo o negro Simplício foi preso como culpado, embora negasse e jurasse inocência. Com essa prisão a sociedade ficou calma achando que o assassino estava preso.

O Barão e seu sucessor Serapião usavam de artimanhas para controlar os moradores através de punição aos que se opunham aos abusos de poder. Agiam de modo a engrandecer seus nomes aos olhos da comunidade.

Mesmo os dois grupos políticos “Gogós-de-sola” e “Corocas” também foram silenciados pelo Barão e seus comparsas. O primeiro era chefiado pelo personagem Jeremias Lobo, sujeito decidido a lutar contra as irregularidades do sistema de governo da pequena cidade. Este responde às afrontas do grupo favorável ao governo com “linguagem virulenta”. Entretanto esse grupo opositor foi silenciado pelo poder do intendente Serapião e regulado pelo delegado e tenente da cidade, tomando armas e impedindo-o de publicar suas cartas porque o único jornal que havia fora comprado pelo governo e nele só saía matérias autorizadas. (ANDRADE, 2011).

Com a morte do Barão, Serapião age pior que ele, é mais cruel.

Fica claro na fala dos personagens que para alguém se impor precisa de um título ou patente, fato comum na ficção amazônica, quando não é coronel é tenente, capitão ou tem título de nobreza.

Percebe-se a preocupação do escritor com as minorias quando se refere aos negros, aos conflitos entre brancos e índios e ao silenciamento dos oprimidos.

O silêncio, portanto, é o tema central nesse romance ressignificado em cada circunstância: o significado causado pela morte; o silêncio dos humildes que não reagem, aceitam tudo; o silêncio das pessoas frente as injustiças cometidas contra inocentes e o silêncio complacente com os abusos do governo.

As práticas de organização da sociedade ficcional da obra refletem as práticas da realidade vivencial aqui no Acre. É retrato da sociedade feudal com seu suserano e vassalos.

Hoje essa prática se repete incluindo os meios de comunicação que alcançam maior número de pessoas. São formadores de opinião muitas vezes tendenciosos, atingindo e seduzindo os jovens e a população que ainda não sabe distinguir o joio do trigo. A imprensa falada ou escrita fica sempre sob o jugo do poder mais forte dominante. Tanto que os acontecimentos mais importantes como descobertas que os pesquisadores fazem não recebem, de modo geral, qualquer menção da imprensa local. Sobre a cultura, o silêncio é total, a não ser que seja de algum político da situação. A mordaza não se extinguiu com a ditadura, ela permanece e parece eternizar-se no meio político.

Atualmente no interior não se tem mais as casas aviadoras ou o barracão, mas as mercearias que suprem as necessidades urgentes e básicas da população carente que compra fiado para pagar quando receber ou daquele segmento que usa cartão de crédito para se endividar e ir pagando juros e mais juros até ter seu nome no Serasa.

Essa cultura transplantada dos seringais cada vez se fortalece com o aumento da pobreza e da violência dos grupos organizados que, como os cangaceiros do nordeste de antigamente, saqueiam, roubam, matam para manter o padrão de vida e o poder em suas mãos. E a população subjugada, humilhada, silenciada, com medo de morrer.

Assim, as manifestações literárias dos primeiros anos do século XX, portanto no nascimento do Acre, subscrevem o processo de colonização no Brasil e na Amazônia, com a implantação da cultura estrangeira como forma de dominação, pelo poder econômico, intelectual, político e religioso. Com esses valores, a sociedade foi-se organizando em dois

grupos: os colonizadores, classe mais abastada dos trabalhadores intelectuais e classe mais pobre dos trabalhadores braçais ou dos serviços manuais e gerais.

Esse é o embrião de organização que permanece ainda hoje.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. [et. al.]. **Papel da memória**. Trad. e introdução: José Horta Nunes. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

AGUIAR E SILVA, Victor. **Teoria da Literatura**. 3 ed. Coimbra: Almedina, 1973.

ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir: Um olhar sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.

..... **As dobras da memória de Xapuri**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2002

CARVALHO, João Carlos de. **Amazônia revisitada: de Carvajal a Márcio Souza**. Rio Branco: Edufac, 2005.

CUNHA, Euclides. **À margem da história**. Portugal: Lello Brasileira, 1967.

FERRANTE, Miguel Jerônimo. **O Silêncio**. São Paulo: Ática, 1979.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 2 ed. São Paulo: Pontes, 1993.

..... **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995

MENDES, Alzenir Alves Rabelo. **Marcas da memória cultural nas crônicas jornalísticas de Xapuri – 1907-1917**; Dissertação de mestrado: Ufac, 2008

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007.

RANZI, Cleusa Maria Damo. **Raízes do Acre**. 3 ed. Rio Branco - AC: EDUFAC, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2 ed.
Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TELES, G. M.. *A escrituração da escrita: teoria e prática do texto literário*. Ptrópolis – RJ:
Vozes, 1996, p. 434.

TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,
1979. Vol. I e II

VITOR, Edmara Alves de Andrade. *As dobras do silêncio: um romance de Miguel Ferrante*.
Dissertação de mestrado UFAC, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: Na história e na literatura*. Trad. Paulo Henrique
Brito. São Paulo: Companhia das letras, 1989.